

DA EMANCIPAÇÃO À CRISE DA SOBERANIA: MEMÓRIA, OCUPAÇÃO E RESPONSABILIDADE HISTÓRICA EM ISRAEL: WHAT WENT WRONG?, DE OMER BARTOV

Karl Schurster¹

A publicação de *Israel: What Went Wrong?* representa um acontecimento relevante não apenas para os estudos sobre Israel e Palestina, mas também para a historiografia do Holocausto e da violência de massa. Seu autor, Omer Bartov, ocupa posição singular nesse campo. Desde obras como *Hitler's Army* (1991), *Murder in Our Midst* (1996), *Mirrors of Destruction* (2000) e *Anatomy of a Genocide* (2018), sua produção esteve voltada para a compreensão das relações entre guerra, nacionalismo, memória e extermínio. A importância do livro deriva justamente desse percurso intelectual. Bartov não escreve como comentarista da guerra de Gaza ou como analista da política israelense contemporânea. Escreve como um dos principais historiadores do Holocausto de sua geração.

A obra está organizada em seis capítulos e uma conclusão. No primeiro capítulo, Bartov apresenta a guerra em Gaza e explica sua evolução intelectual diante dos acontecimentos posteriores a 7 de outubro de 2023. O segundo capítulo reconstrói a trajetória histórica do sionismo, da criação do Estado de Israel e da formação simultânea das memórias da independência israelense e da Nakba palestina. O terceiro capítulo examina a transformação da memória do Holocausto e a forma como ela passou a ocupar posição central na identidade política israelense. O quarto capítulo analisa os efeitos de longo prazo da ocupação iniciada em 1967 sobre a democracia, as instituições e a cultura política de Israel. O quinto capítulo dedica-se a Gaza, à lógica da gestão permanente do conflito e ao colapso dessa estratégia após os ataques do Hamas. O sexto capítulo discute os limites e as possibilidades de um futuro compartilhado entre israelenses e palestinos, enfatizando os desafios da memória, do reconhecimento mútuo e da igualdade política. A conclusão retoma o significado contemporâneo do “Nunca Mais” e propõe uma reflexão sobre as relações entre trauma histórico, poder e responsabilidade moral.

¹ Professor livre-docente da Universidade de Pernambuco (UPE), do Programa de Pós-graduação em História da UFPE e investigador Maria Zambrano da Universidade de Vigo. Formou-se em História pela UPE, com mestrado na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e doutorado em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), incluindo estágio de pesquisa na Freie Universität Berlin (FU). Realizou estágios de pós-doutorado na Universidade do Porto, na Freie Universität Berlin e na Universidade de Vigo. Atualmente, é bolsista de produtividade do CNPq e coordena o Laboratório de Estudos do Tempo Presente da UPE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9572701361201130>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1363-119X>. E-mail: karl.schurster@gmail.com.

DA EMANCIPAÇÃO À CRISE DA SOBERANIA: MEMÓRIA, OCUPAÇÃO E
RESPONSABILIDADE HISTÓRICA EM *ISRAEL: WHAT WENT WRONG?*, DE OMER
BARTOV

KARL SCHURSTER

A recepção pública da obra concentrou-se quase exclusivamente na conclusão segundo a qual a campanha israelense em Gaza poderia ser compreendida como genocídio. Embora essa posição explique boa parte da repercussão do livro, ela ocupa apenas sua etapa final. A obra possui ambição muito maior. Seu núcleo interpretativo encontra-se numa pergunta que atravessa todos os capítulos. Como um movimento nacional criado para responder à vulnerabilidade histórica dos judeus chegou, segundo Bartov, a produzir formas duradouras de dominação sobre outra população?

Para responder a essa questão, o autor reconstrói uma longa trajetória histórica. O sionismo surge inicialmente como uma das várias respostas possíveis ao antissemitismo moderno e à crise da integração judaica na Europa. Bartov insiste que a criação de Israel não pode ser interpretada retrospectivamente como consequência inevitável do Holocausto. Antes de 1933, diferentes projetos disputavam o futuro político dos judeus europeus. A destruição das comunidades judaicas durante a Segunda Guerra Mundial alterou profundamente esse cenário, fortalecendo a legitimidade do projeto sionista e conferindo-lhe uma urgência histórica inédita.

O autor dedica atenção especial a 1948. Sua interpretação parte da ideia de que a independência israelense e a Nakba palestina não constituem acontecimentos separados, mas experiências simultâneas produzidas pelo mesmo processo histórico. Para os judeus, 1948 significou autodeterminação, soberania e segurança após séculos de perseguição. Para os palestinos, representou deslocamento, perda territorial e fragmentação social. Uma das qualidades do livro está precisamente na tentativa de sustentar ambas as narrativas sem reduzir uma à outra. Bartov rejeita tanto a negação da Nakba quanto as leituras que transformam a criação de Israel numa simples expressão do colonialismo europeu.

A discussão ganha maior densidade quando a análise recai sobre a memória do Holocausto. Filho de sobreviventes e integrante da primeira geração formada após a criação do Estado de Israel, Bartov dedica algumas das melhores páginas da obra à transformação do significado político da Shoah. Seu interesse não está voltado para o acontecimento histórico em si, mas para sua incorporação à identidade nacional israelense. A questão central consiste em compreender como a memória da perseguição foi progressivamente associada à experiência da soberania.

Segundo sua interpretação, ocorreu uma mudança gradual na forma de compreender o lema “Nunca Mais”. Inicialmente associado a uma advertência universal contra a

DA EMANCIPAÇÃO À CRISE DA SOBERANIA: MEMÓRIA, OCUPAÇÃO E
RESPONSABILIDADE HISTÓRICA EM *ISRAEL: WHAT WENT WRONG?*, DE OMER
BARTOV

KARL SCHURSTER

desumanização e a violência extrema, o conceito passou a ser cada vez mais relacionado à necessidade de garantir a segurança dos judeus diante de ameaças permanentes. Bartov não descreve esse processo como simples manipulação política. Sua análise é mais sofisticada. Trata-se de compreender como experiências históricas reais de vulnerabilidade continuam moldando a percepção do presente mesmo em uma sociedade que dispõe de poder estatal e militar.

Essa reflexão conduz ao tema central da obra. A ocupação iniciada em 1967 aparece como elemento decisivo para compreender a transformação da sociedade israelense. Bartov insiste que o problema não se restringe aos efeitos da ocupação sobre os palestinos. Seu interesse concentra-se igualmente nos impactos produzidos sobre as instituições, a cultura política e a imaginação moral israelense. A ocupação deixou de ser uma situação provisória e converte-se gradualmente numa estrutura permanente. O que deveria ser excepcional tornou-se rotina. O provisório transformou-se em normalidade.

A análise da expansão dos assentamentos e do fracasso dos Acordos de Oslo constitui uma das partes mais convincentes do livro. Bartov argumenta que a política israelense passou progressivamente a substituir a busca por soluções pela administração permanente do conflito. Em vez de resolver a questão palestina, diferentes governos procuraram controlá-la. Gaza tornou-se o exemplo mais radical dessa lógica. O bloqueio, as operações militares periódicas e a fragmentação da representação palestina produziram a impressão de que o conflito podia ser indefinidamente administrado sem solução política. O ataque do Hamas em 7 de outubro de 2023 representa, nessa leitura, o colapso dessa concepção estratégica.

A partir desse momento, a narrativa aproxima-se da guerra em Gaza e da acusação de genocídio. Bartov procura demonstrar que sua posição não resulta de uma conclusão prévia, mas de um processo de revisão interpretativa desenvolvido ao longo do conflito. A combinação entre destruição material, deslocamento populacional, colapso das condições de vida e declarações de autoridades israelenses teria levado o autor a reconsiderar suas avaliações iniciais.

É precisamente nesse ponto que surgem os aspectos mais discutíveis da obra. Embora Bartov reconstrua cuidadosamente seu percurso intelectual, a passagem entre análise histórica e classificação jurídica nem sempre aparece plenamente demonstrada. O debate sobre genocídio permanece aberto entre juristas, historiadores e especialistas em violência de massa. Em

DA EMANCIPAÇÃO À CRISE DA SOBERANIA: MEMÓRIA, OCUPAÇÃO E
RESPONSABILIDADE HISTÓRICA EM *ISRAEL: WHAT WENT WRONG?*, DE OMER
BARTOV

KARL SCHURSTER

diversos momentos, a força moral da argumentação parece superar a consistência conceitual necessária para sustentar uma categoria cuja definição continua objeto de intenso debate acadêmico.

Outra limitação encontra-se na própria estrutura narrativa do livro. Bartov afirma repetidamente que a história permanece aberta e que os acontecimentos poderiam ter seguido caminhos diferentes. Ainda assim, sua reconstrução produz frequentemente uma sensação de continuidade excessivamente linear entre 1948, 1967, a ocupação, os assentamentos e Gaza. O leitor acompanha uma sequência de acontecimentos que parece convergir naturalmente para a crise contemporânea. A tensão entre contingência histórica e causalidade retrospectiva permeia toda a obra.

Também merece atenção o tratamento conferido à história palestina. Embora Bartov reconheça a centralidade da Nakba e a realidade do sofrimento palestino, sua explicação permanece amplamente organizada a partir das transformações internas da sociedade israelense. Hamas, nacionalismo palestino, divisões políticas internas, estratégias próprias e conflitos entre diferentes correntes palestinas aparecem frequentemente em posição secundária. O resultado é uma narrativa na qual a dinâmica histórica tende a ser explicada prioritariamente pelas escolhas israelenses, produzindo certo desequilíbrio interpretativo.

Essas observações, contudo, não diminuem a importância da obra. Seu principal mérito consiste em inserir a questão israelense numa discussão mais ampla sobre memória, nacionalismo, soberania e responsabilidade histórica. O verdadeiro centro de gravidade do livro não reside na acusação de genocídio que dominou sua recepção pública. A questão que estrutura toda a análise é outra. Bartov procura compreender o que acontece quando uma memória construída a partir da experiência da perseguição passa a coexistir com a experiência do poder estatal e da soberania.

Ao longo de mais de duzentas páginas, o autor retorna continuamente a essa pergunta. O resultado é uma obra que ultrapassa os limites da história do conflito israelense-palestino e dialoga com problemas centrais da historiografia contemporânea. Mesmo quando suas conclusões permanecem abertas à contestação, Bartov obriga o leitor a confrontar uma questão desconfortável. De que maneira uma tradição política fundada sobre a experiência da vulnerabilidade responde aos desafios produzidos pelo exercício prolongado do poder? É nessa

DA EMANCIPAÇÃO À CRISE DA SOBERANIA: MEMÓRIA, OCUPAÇÃO E
RESPONSABILIDADE HISTÓRICA EM *ISRAEL: WHAT WENT WRONG?*, DE OMER
BARTOV

KARL SCHURSTER

pergunta, mais do que na controvérsia em torno do genocídio, que reside a relevância historiográfica de *Israel: What Went Wrong?*.

Referência bibliográfica:

BARTOV, Omer. **Israel:** What Went Wrong? New York: Farrar, Straus and Giroux, 2026.